

FESTA DE SANTO MURA: A FÉ DE UM E A EXISTÊNCIA DE UM GRUPO

MURA FEAST OF SAINT: THE FAITH OF ONE AND THE EXISTENCE OF A GROUP

Fernando Augusto FILENO*

Principal expressão da sociabilidade mura do rio Igapó-Açu, município de Borba (AM), as Festas de Santo constituem também expressão comum da religiosidade católica em sua manifestação popular em várias regiões do Brasil. Para os Mura, grupo indígena de língua mura, hoje falantes do português, as Festas de Santo além de ostentarem um aparato devocional, igualmente representam um momento de criação e extensão de novos e velhos laços sociais. O ensaio que apresentamos faz parte do registro da Festa de São Lázaro ocorrida em fevereiro de 2015 na aldeia do Piranha. Fundada em torno de uma promessa atendida, a Festa celebra a fé à São Lázaro, materializada pelos rogos feitos em horas de necessidade de um promesseiro, o Dono da Festa. O cronograma da Festa organiza-se sobre o amparo de etapas fundamentais: o levantamento do mastro; batizados; casamentos; procissão e missa promovidos pela vinda do padre da paróquia local; o cortejo das embarcações das comunidades e a procissão; e por fim, após o encerramento das festividades na manhã do último dia, a derrubada do mastro. O interlúdio dos dias criado pela Festa prepara um espaço na vida da aldeia e do rio para a concretização de vínculos aspirados, o estímulo de novas pretensões, a produção de afetos e desafetos. O mastro, marco referencial do Santo de Devoção e padroeiro do lugar, não deixa de ser, sobretudo, um elogio aqueles que se comprometeram e cumpriram com sua promessa pessoal. A Festa homenageia o Santo e o Mastro epitoma a coletividade. Às vistas no espaço

* Mestrando em Antropologia Social. USP - Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Pós-Graduação em Antropologia Social. São Paulo – SP – Brasil. 05508-010 - fernando_fileno@yahoo.com.br

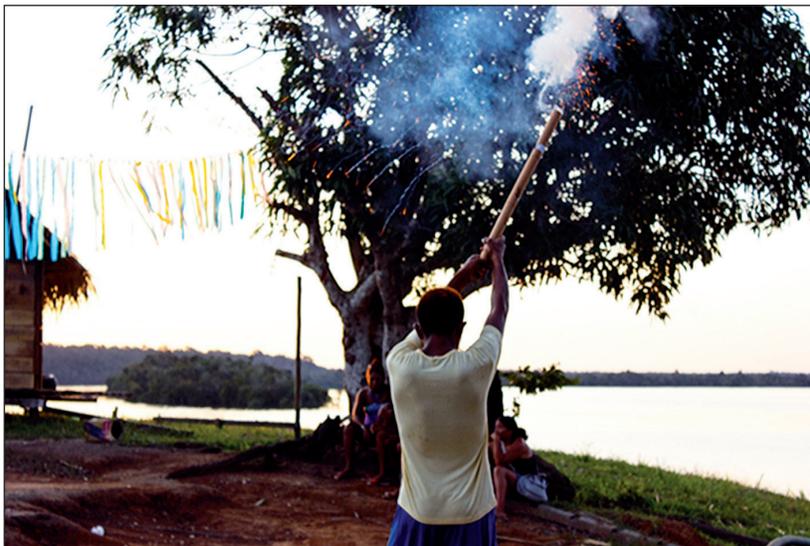
de maior circulação, ornamentado com as oferendas que agradecem a primeira promessa atendida, demarcando da mesma forma aquele bastião da humanidade que resiste em meio à Natureza, o mastro honra a uma causa sociológica. A força da coesão daquele coletivo desencadeado pela organização e pelo festejo daqueles dias de suspensão das atividades cotidianas, ademais de honrar a fé de uma pessoa, robustece as fronteiras sociais e ontológicas daquele grupo que é constantemente açoitado por forças de desintegração e de desumanização. Nesse sentido, todos participam do cortejo, tanto adultos como as próprias crianças mantêm uma presença privilegiada no tracejado por rio e por terra que envolve a aldeia com uma proteção invisível contra as más influências. Fechando-se, ela também se abre para receber os seus convidados com fogos de artifício para lembrarem aos ânimos e aos convivas de que aqueles dias são escusas para um curto período de exceção.

Fotografia 1 – Levantamento do Mastro



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fotografia 2 – Fogos



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fotografia 3 – Portando o Santo de Devoção



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fotografia 4 – Cortejo da Canoa de Entrada



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fotografia 5 – Acendendo a Vela



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fotografia 6 – Flâmula de São Lázaro



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fotografia 7 – Procissão pela Aldeia



Fonte: Elaboração própria (2015).

Fotografia 8 – Pés sobre o terreiro



Fonte: Elaboração própria (2015).

Submetido: 16/06/2016
Aprovado: 26/10/2016